



DESVENDANDO OS IMPACTOS DO MOVIMENTO ARTÍSTICO-CULTURAL DO HIP-HOP FRENTE AOS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE: ARTE E SAÚDE COLETIVA

DAVID FREITAS DOS SANTOS; ROGÉRIO BORGAS JUNIOR

RESUMO

A Saúde Coletiva, campo interdisciplinar brasileiro surgido na década de 1970, busca compreender e intervir nos determinantes sociais da saúde das populações. O Hip Hop, movimento cultural urbano, tem desempenhado papel crucial nesse contexto. Este estudo investigou suas contribuições específicas para a saúde coletiva, adotando uma abordagem qualitativa e uma pesquisa bibliográfica narrativa. Os resultados revelaram que o Hip Hop transcende sua manifestação artística para se tornar um movimento de resistência e empoderamento, especialmente para jovens negros das áreas periféricas. Suas expressões culturais, como o rap e o break dance, denunciam as condições precárias dessas comunidades e promovem mudanças sociais e políticas. Além disso, incentivam estilos de vida saudáveis e mobilizam comunidades para melhorar as condições de vida. Ao reconhecer a importância do Hip Hop como agente de transformação social, ressalta-se a necessidade de uma abordagem colaborativa entre a comunidade acadêmica e os agentes culturais. Essa colaboração pode ampliar o conhecimento sobre as interações entre o Hip Hop e a saúde coletiva, enriquecendo políticas públicas e práticas de intervenção comunitária. Em suma, o Hip Hop oferece esperança e inspiração para uma sociedade mais justa, inclusiva e saudável. Reconhecer e valorizar suas contribuições é essencial para promover uma abordagem eficaz para a promoção da saúde e o enfrentamento das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Resistência; Grupos Sociais; Arte; Cultura e Subjetividade.

1 INTRODUÇÃO

A Saúde Coletiva é um campo interdisciplinar que se desenvolveu no Brasil a partir do final da década de 1970, com o surgimento do termo e a criação da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco). Embora suas raízes remontem a períodos anteriores, a Saúde Coletiva se consolidou como um campo distinto e específico no Brasil (NUNES, 1994). Segundo o autor, a Saúde Coletiva não se limita apenas à prática clínica ou à epidemiologia, mas incorpora diversas disciplinas e perspectivas, incluindo a sociologia, a antropologia, a economia e outras ciências sociais e da saúde. Essa abordagem visa compreender e intervir nos determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais que influenciam a saúde das populações (NUNES, 1994).

Além disso, Paim e Almeida Filho (1999) destacam a importância do contexto histórico e social na construção do conhecimento científico em saúde. Eles argumentam que a ciência é uma prática social determinada pelos valores, crenças e instituições de uma determinada sociedade em um determinado momento histórico. Portanto, a Saúde Coletiva

representa uma abordagem abrangente e interdisciplinar para compreender e promover a saúde das populações, considerando não apenas os aspectos biológicos, mas também os sociais, econômicos, políticos e culturais que influenciam o processo saúde-doença.

Considerando a intrínseca relação entre o contexto histórico-cultural e as dinâmicas sociais, o presente estudo empreende uma análise direcionada às contribuições específicas da cultura Hip Hop para a mitigação dos determinantes sociais em saúde. O Hip Hop, como um movimento cultural e artístico originado nos anos 1960 e 1970 em comunidades urbanas marginalizadas, têm desempenhado um papel significativo na formação de identidades coletivas e na articulação de resistência frente às desigualdades sociais, econômicas e políticas. Ao investigar as contribuições do Hip Hop para a redução dos determinantes sociais em saúde, é essencial considerar sua capacidade de promover a conscientização sobre questões de saúde pública, bem como sua influência na promoção de estilos de vida saudáveis e na mobilização comunitária para a melhoria das condições de vida.

O Hip Hop surgiu no final dos anos 1960 no Bronx, Nova Iorque, como uma resposta à crescente desigualdade social e ao desemprego causado pela transição para a era pós-industrial. Os moradores, predominantemente negros, enfrentavam problemas como a desvalorização imobiliária e a falta de infraestrutura nas áreas periféricas (FIALHO, 2009).

Em meio ao caos urbano, os jovens começaram a organizar festas de rua, substituindo confrontos físicos por competições artísticas, como o break dance, o DJing, o MCing e o grafite. Essas expressões culturais não apenas forneceram uma forma de entretenimento, mas também serviram como uma plataforma para denunciar as condições precárias do bairro e demandar mudanças sociais e políticas (FIALHO, 2009).

O Hip Hop, mais do que uma simples manifestação cultural, tornou-se um movimento de protesto contra a violência, o narcotráfico e a exclusão social. Ele se espalhou para outras periferias urbanas e países, continuando a representar uma voz para os marginalizados, buscando promover a autovalorização e a inclusão econômica, educacional e racial dos jovens negros.

A motivação desta pesquisa emerge de profundas vivências do pesquisador com a Cultura Hip Hop e uma convicção pessoal na influência transformadora que a expressão cultural exerce sobre indivíduos e comunidades. A percepção íntima da riqueza e complexidade dessa manifestação cultural despertou o desejo de compreender mais profundamente seus efeitos nas subjetividades e, conseqüentemente, nas dinâmicas sociais. Este estudo visa contribuir para o enriquecimento da experiência humana, fortalecimento de laços sociais e o estímulo e apoio à cultura.

No âmbito acadêmico, esta pesquisa busca preencher lacunas substantivas na compreensão das interações entre a Cultura Hip Hop e Saúde Coletiva. A abordagem interdisciplinar, fundindo teorias da subjetividade, cultura e saúde coletiva, promove uma visão integral que não apenas amplia o conhecimento acadêmico existente, mas também oferece insights significativos para estudos futuros. Além disso, a aproximação entre a comunidade acadêmica e os agentes culturais é crucial para promover uma abordagem colaborativa, enriquecendo a pesquisa com perspectivas práticas e experiências vivas.

A relevância social desta pesquisa transcende os muros acadêmicos, manifestando-se na capacidade da Cultura Hip Hop de agir como agente de transformação em comunidades. Compreender como essa expressão cultural molda as identidades individuais e coletivas é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e inclusivas. A sustentação teórica não apenas valida as reivindicações culturais, mas também fornece uma base sólida para a implementação de leis que promovam e protejam a diversidade cultural. Incentivar a cultura não é apenas um ato de preservação, mas uma estratégia para fortalecer os alicerces de uma sociedade mais inclusiva, resiliente e enriquecida pela diversidade de expressões culturais. Nesse sentido, esta pesquisa visa contribuir para o diálogo e ações que

impulsionam positivamente as comunidades através do reconhecimento e fomento da Cultura Hip Hop.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo geral responder à questão norteadora: de que maneira a cultura Hip Hop impacta a saúde coletiva? Os objetivos específicos incluem: analisar as contribuições da cultura Hip Hop para a mitigação dos determinantes sociais em saúde, compreender como elementos como música, dança, arte e ativismo influenciam subjetividades; e discutir sobre as experiências individuais e coletivas dos indivíduos dentro da cultura Hip Hop.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo narrativa com abordagem qualitativa (GIL, 2017), visando explorar, a partir dos resultados de estudos já concluídos, as principais contribuições da cultura Hip Hop à Saúde Coletiva.

A seleção dos artigos ocorreu na plataforma de pesquisa Periódicos CAPES, plataforma na qual abriga diversas revistas científicas como Pubmed, SciELO e DOAJ (Directory of Open Access Journals). Foram utilizados os descritores: “HIP HOP” OU “RAP” E “CULTURA” E “SAÚDE”, A busca resultou em 124 artigos, dos quais 3 foram escolhidos. Os critérios de inclusão consideraram artigos publicados entre 2019 e 2024, ou seja, dos últimos cinco anos que estão disponíveis online na íntegra, em português. Artigos que não discorriam da atuação do movimento cultural do Hip Hop e repetidos em idiomas diferentes foram excluídos.

Após a seleção dos artigos, procedeu-se à análise dos dados, utilizando o método de análise de conteúdo proposto por Minayo (2013). Ela divide-se em três etapas: Pré-análise: Nesta fase inicial, estabeleceu-se um contato inicial com o material, realizando a leitura dos resumos e conclusões de cada artigo para filtrar os estudos que respondem ao problema de pesquisa. Exploração do material: A segunda etapa consistiu na exploração detalhada dos artigos, realizando uma leitura completa para sintetizar os principais resultados obtidos. Tratamento dos resultados: A terceira etapa envolveu o tratamento dos resultados obtidos, associando-os, respaldando-os e discutindo teoricamente com o objetivo de responder ao questionamento central da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste segmento, almejamos apresentar de forma abrangente as significativas contribuições da cultura Hip-Hop para o enfrentamento dos determinantes sociais em saúde. Destacamos, primordialmente, a relevância de abordar questões relacionadas às condições socioeconômicas, aos estilos de vida e comportamentos individuais, às redes de apoio social, à estrutura social subjacente e às desigualdades presentes na sociedade.

De acordo com o estudo de Costa e Francischetto (2019), a valorização do movimento hip-hop transcende sua manifestação artística. Ele se revela como um poderoso instrumento de resistência e empoderamento para os jovens periféricos, especialmente os negros, que historicamente foram marginalizados e estigmatizados pela sociedade. Ao denunciar a hegemonia de uma cultura excludente e resgatar a história e a cultura negra, o hip-hop emerge como uma voz dos excluídos, clamando por justiça social e reparação das injustiças cometidas ao longo da história.

Além disso, é essencial abordar as limitações e desafios enfrentados pelo movimento. Apesar de seu papel transformador, o Hip-Hop também passa por uma comercialização excessiva e pela perda de sua essência contestadora.

O hip-hop, ao incorporar elementos da cultura brasileira e dialogar com as lutas sociais locais, amplia seus horizontes e se torna um movimento político. A união dos jovens em torno da valorização de seu passado e de sua cultura promove uma tomada de consciência e

fortalece a resistência contra as injustiças sociais. Além disso, a presença marcante de referências religiosas nas letras das músicas reflete a busca por um refúgio espiritual diante das adversidades enfrentadas nas periferias.

Através de suas letras e performances, os hip hoppers confrontam diretamente a opressão e as desigualdades sociais, expondo as realidades das comunidades marginalizadas. Eles não apenas criticam a exclusão social, mas também buscam reafirmar sua identidade cultural e rejeitar os padrões impostos pela sociedade dominante. Essa busca por autonomia e reconhecimento se reflete na recusa ao saber convencional, valorizando o conhecimento adquirido nas ruas e nas vivências cotidianas, numa perspectiva mais democrática e inclusiva (COSTA E FRANCISCHETTO, 2019).

Ao romper as barreiras históricas e culturais que marginalizaram o povo negro, o hip-hop se consolida como uma poderosa ferramenta de transformação social. Sua disseminação pelo território nacional, alcançando não apenas as periferias, mas também os centros urbanos, demonstra sua capacidade de unir e mobilizar comunidades em busca de justiça e igualdade. O movimento hip-hop não apenas expressa as dores e as lutas dos excluídos, mas também oferece esperança e inspiração para uma sociedade mais justa e inclusiva.

O rap desempenha um papel multifacetado que vai além do mero entretenimento, sendo fundamental compreendê-lo sob uma perspectiva educativa acerca dos territórios. Além de ser uma forma de manifestação discursiva, textual e melódica sobre os fenômenos sociais, o rap também se revela como uma poderosa ferramenta de resistência, como evidenciado no contexto do rap egípcio e tunisino. A atenção voltada para a cidade não nos desvia da necessidade de enfrentar os problemas que afetam os indivíduos, destacando-se a complexidade dessas questões, que emergem em um contexto permeado por profundas exclusões, desigualdades e marginalidades (SOUZA E GUERRA, 2021).

Nesse sentido, afastamo-nos das abordagens que simplificam as desigualdades como meros reflexos da distância do centro urbano, optando por uma análise mais abrangente e sensível às experiências individuais e às formas de resistência ativadas pelos sujeitos. A compreensão das dinâmicas sociais normativas e das resistências que nelas emergem é crucial para uma visão mais completa do papel do rap como forma de enfrentamento dessas realidades.

A resistência, como destacado, ocorre em diversos locais, sendo os bairros periféricos um elemento identificativo-chave das margens urbanas e da marginalidade urbana. Partindo da concepção fenomenológica do espaço, os bairros periféricos transcendem sua localização física, adquirindo significados imateriais atribuídos pelos indivíduos que os habitam. Essa compreensão permite explorar a interseção entre identidade de bairro, música e apropriações, evidenciando a importância do sentido de pertencimento como elemento fundamental na construção das relações humanas.

Ao explorar o rap como uma "little culture", inserida em um contexto global e capaz de promover a afirmação e o empoderamento de diferentes grupos sociais, percebe-se sua capacidade de transcender processos de auto exclusão para dar voz àqueles que são marginalizados. Assim, a virtualidade do rap reside na sua capacidade de criar um mundo de possibilidades que promove a esperança em um futuro melhor, enquanto ressoa como uma forma de resistência contra as injustiças sociais (SOUZA E GUERRA, 2021).

De acordo com o estudo de Guerra e Souza (2021), que propôs analisar as práticas artísticas das mulheres no hip-hop, é possível identificar uma riqueza de reflexões sobre identidade, resistência e empoderamento. Esse exame, especialmente no contexto português, transcende a mera expressão musical, proporcionando um insight significativo sobre as experiências das mulheres nesse meio e refletindo as dinâmicas sociais subjacentes.

O hip-hop desempenha um papel crucial como plataforma de afirmação para as mulheres, permitindo a exploração única de questões identitárias. Suas letras e vídeos permitem

não apenas celebram conquistas, mas também refletem os desafios e incertezas associados ao sucesso repentino. Essas expressões artísticas abrem espaço para uma análise mais profunda das experiências femininas, promovendo discussões sobre temas como maternidade, violência e expectativas sociais (GUERRA E SOUZA, 2021).

A temática da resistência, presente nas produções de artistas como Nenny, Lendária e Capicua, vai além do empoderamento artístico, abordando questões sociais e pessoais que desafiam estereótipos de gênero e normas estabelecidas pela sociedade. Por meio de suas letras, as mulheres no hip-hop encontram uma voz para contestar o patriarcado e promover a igualdade de gênero, desafiando normas sociais e estabelecendo um espaço de expressão autêntica e empoderadora (GUERRA E SOUZA, 2021).

Ao reconhecer a contribuição das mulheres no hip-hop não apenas para a música, mas também como agentes de mudança social, somos confrontados com insights valiosos sobre a complexidade da sociedade contemporânea. Suas narrativas oferecem uma perspectiva única sobre as dinâmicas sociais e culturais, destacando a importância de valorizar suas vozes dentro do movimento hip-hop como parte integrante da luta por uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Essa valorização não só é crucial para a representatividade feminina na música, mas também para a promoção da saúde e bem-estar das mulheres, ao fornecer uma plataforma para a expressão de suas experiências e desafios enfrentados em uma sociedade marcada por desigualdades de gênero.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo se propôs a investigar as contribuições específicas da cultura Hip Hop para a mitigação dos determinantes sociais em saúde. Originado nos anos 1960 e 1970 em comunidades urbanas marginalizadas, o Hip Hop transcende sua manifestação artística para se tornar um movimento de resistência e empoderamento, enfrentando desigualdades sociais, econômicas e políticas.

Através de suas expressões culturais, como o rap, o break dance, o DJing, o MCing e o grafite, o Hip Hop oferece uma voz aos marginalizados, denunciando as condições precárias das áreas periféricas e demandando mudanças sociais e políticas. Além disso, promove a autovalorização e a inclusão econômica, educacional e racial dos jovens negros, historicamente marginalizados.

As contribuições do Hip Hop para a saúde coletiva são multifacetadas. Por um lado, promove a conscientização sobre questões de saúde pública, incentivando estilos de vida saudáveis e mobilizando comunidades para melhorar as condições de vida. Por outro lado, desafia normas sociais e padrões estabelecidos, oferecendo uma plataforma para a expressão autêntica e empoderadora das mulheres, por exemplo.

Ao reconhecer a importância do Hip Hop como agente de transformação social, este estudo ressalta a necessidade de uma abordagem colaborativa entre a comunidade acadêmica e os agentes culturais. Através dessa colaboração, é possível ampliar o conhecimento sobre as interações entre a cultura Hip Hop e a saúde coletiva, enriquecendo não apenas a pesquisa acadêmica, mas também as políticas públicas e as práticas de intervenção comunitária.

Em suma, o Hip Hop não apenas reflete as realidades das comunidades marginalizadas, mas também oferece esperança e inspiração para uma sociedade mais justa, inclusiva e saudável. Ao reconhecer e valorizar suas contribuições, podemos promover uma abordagem mais holística e eficaz para a promoção da saúde e o enfrentamento das desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

COSTA, Lucas Kaiser; FRANCISCHETTO, Gilsilene Passon Picoretti. A contribuição do

movimento hip-hop no processo de valorização da cultura produzida na periferia. **REVISTA QUAESTIO IURIS**, v. 12, n. 04, p. 462-489, 2019.

SOUSA, Sofia; GUERRA, Paula. “Toda a minha vida fui Thug”. A (des)construção do urbano através do rap. **Cidades. Comunidades e Territórios**, n. Au 21, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017;

GUERRA, Paula; SOUSA, Sofia. Eu Não Sou de Aço. Eu Sou de Bambu: Hip-hop, desigualdades de gênero e resistência. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 22, n. 58, p. 134-164, 2021.

NUNES, Everardo Duarte. Saúde coletiva: história de uma ideia e de um conceito. **Saúde e sociedade**, v. 3, p. 5-21, 1994.

PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA FILHO, Naomar Monteiro de. La crisis de la salud pública y el movimiento de la salud colectiva en Latinoamérica. 1999.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13 ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2013.